

## A TRADIÇÃO ORAL E A LITERATURA DE LUANDINO VIEIRA

Maria Cristina Chaves de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre narrativas de José Luandino Vieira, considerando o contexto histórico angolano, e destacando a tradição oral, a importância da memória e o respeito à herança ancestral na cultura africana. A análise de narrativas do escritor proporciona elementos para uma abordagem acerca da imagem da África e dos africanos no mundo contemporâneo. No projeto literário do autor, posicionamentos políticos e conflitos sociais se apresentam como forma de denúncia e, ao mesmo tempo, de resistência ao colonialismo ou às consequências dele decorrentes, que resultaram em preconceitos e estigmas impostos ao sujeito angolano e aos povos da África.

**Palavras-chave:** Literaturas Africanas; José Luandino Vieira; oralidade; memória; resistência.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (BÂ, 2010, p.167)

As palavras do antropólogo Amadou Hampaté Bâ remetem ao poder da palavra, especificamente, às mitologias dos povos antigos da África, em que a palavra é considerada força vital, gerando movimentos, ação e melodia porque em um tempo anterior à escrita desses povos, tudo era palavra: as histórias orais eram envoltas em sacralidade e se tornavam instrumentos dos mais velhos, que os passavam às gerações futuras. Neste sentido, o objetivo desta comunicação é propor uma reflexão acerca das narrativas do escritor angolano José Luandino Vieira, destacando-se a tradição oral, a importância da memória e o respeito à herança ancestral na cultura africana. Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, e indagado sobre qual seria o espaço da tradição oral em sua obra, o autor diz que:

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UFF), pesquisadora de pós-doutorado na UFES com o apoio financeiro da FAPES. Contato: mcriscar@hotmail.com

É fulcral. Comecei a escrever também por ouvir contar muitas histórias nos serões, à porta das casas, na infância e na adolescência. Depois, na escola, em nossas brincadeiras era o intercâmbio de histórias. Tudo isso marcou o meu trabalho de escritor, em opções estilísticas, em formas de comunicar, obrigando-me a incorporar, consciente e inconscientemente, na linguagem literária, traços da oralidade. Creio que essa presença ficará sempre no que escrever. Narro mais do que escrevo. (VIEIRA, 2017)<sup>2</sup>

Cabe acrescentar que, nas culturas de predomínio oral, destacam-se provérbios, adivinhas, lendas, estórias e ensinamentos, cujas lições se transmitiam por intermédio de métodos mnemônicos, baseados em repetições e ritmos que pretendiam gravar as experiências subjetivas partilhadas com toda a comunidade, de modo que a memória coletiva pudesse se perpetuar através das gerações seguintes.

Vários estudiosos africanos vêm demonstrando uma preocupação com a difusão da cultura africana, a exemplo de Joseph Ki-Zerbo, o qual afirma que é preciso dar importância e visibilidade à África, pois ela é o berço da humanidade e, portanto, tem uma história. Segundo o historiador:

Outra exigência imperativa é que *essa história seja enfim vista do interior*, a partir do pólo africano, e não medida permanentemente por padrões de valores estrangeiros; a consciência de si mesmo e o direito à diferença são pré-requisitos indispensáveis à constituição de uma personalidade coletiva autônoma. Certamente, a opção e a ótica de autoexame não consistem em abolir artificialmente as conexões históricas da África com os outros continentes do Velho e do Novo Mundo. Mas tais conexões serão analisadas em termos de intercâmbios recíprocos e de influências multilaterais, nas quais as contribuições positivas da África para o desenvolvimento da humanidade não deixarão de aparecer. (KI-ZERBO, 2010, p. 52).

Desse modo, há de se ponderar que, entre rupturas e continuidades, oralidade e escrita, toda uma cultura pode ser reinventada, ou recuperada parcialmente, sobretudo, através da memória, considerando-se que as vozes africanas foram silenciadas desde o tempo do colonialismo. Logo, de um modo geral, as Literaturas Africanas vêm também contribuir com o processo de descolonização, em movimentos que buscam a conscientização, a construção e a afirmação da identidade africana. Desde o período de opressão colonial, os escritores africanos apresentam seus próprios pontos-de-vista diante do contexto histórico nacional, e, ao longo do processo da descolonização, vêm

---

<sup>2</sup> SIMÕES, Eduardo. Entrevista. Luandino quebra seu silêncio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 nov 2007. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm>> Acesso em 01.07.2017.

revelando a África como um continente em mudança para todo o mundo. De acordo com Ali A. Mazrui, a história da descolonização, no século XX, é constituída por dramas da história da humanidade, se tomada em seu conjunto, porque é um processo que põe em jogo contradições:

Nós definimos a ‘descolonização’ como o processo pelo qual o regime colonial atinge seu fim, as instituições coloniais são desmanteladas e os valores, bem como as modalidades coloniais, são abandonados. Teoricamente, a iniciativa da descolonização pode ser tomada, seja pela potência imperialista, seja pelo povo colonizado. Na realidade, a verdadeira descolonização é geralmente imposta pela entrada dos oprimidos em luta. (MAZRUI, 2010, p. 7).

O escritor Albert Memmi, ao analisar aspectos inerentes ao colonialismo de forma dialética, entende que, por um lado, o colonizador é um “exilado voluntário” em sua colônia porque vive em busca de meios para ascender socialmente na metrópole. Por esse motivo, ele se enraíza em outro território, ou tarda a regressar à metrópole, passando a construir uma identidade ambivalente, dividida entre os valores colonialistas e a valorização da colônia; por outro lado, o colonizado é submetido a humilhações causadas pelo poder do opressor, ainda que sinta também certo fascínio pela cultura do colonizador. Segundo o autor, o colonizado vive um drama provocado também pela interiorização de uma série de estigmas criados pelo discurso colonialista, como o de que todo colonizado é preguiçoso, medíocre, ou desprezível. Indo ao encontro das ideias de Albert Memmi (1987), o antropólogo Kabengele Munanga (1988) analisa a estratégia do colonialismo, cuja intenção é desvalorizar e alienar o indivíduo, o negro africano, pois, conforme o discurso do colonizador:

A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devida à temperatura excessivamente quente. O colonizado é assim remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica. (MUNANGA, 1988, p. 21).

No entanto, essa imagem criada pelo colonizador tem sido discutida e refutada por historiadores, antropólogos e por escritores africanos, dentre eles, Luandino Vieira, cuja obra oferece elementos para uma profunda reflexão acerca da imagem da África e dos africanos no mundo contemporâneo. José Luandino Vieira é o nome literário de José Vieira Mateus da Graça, nascido em Portugal em 04 de maio de 1936. Aos três anos partiu para Angola com os pais, onde fez seus estudos liceais em Luanda. Foi militante

político do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), preso por mais de onze anos, nove deles no Tarrafal entre os anos de 1961 a 1973. Depois disso, com residência fixa em Lisboa, trabalhou em uma editora até regressar a Luanda em 1975, ano da independência de Angola, tendo exercido vários cargos de direção tanto no MPLA quanto em instituições do governo. Luandino Vieira é poeta, ficcionista, pertencente à geração *Cultura (II)* e vencedor de diversos prêmios literários, entre eles, o Prêmio Camões em 2006. Neste sentido, interrogamos como a escritura de Luandino Vieira pôde resistir à ideologia ocidental, dominante, que parece permear o processo de descolonização em Angola?

O projeto literário de Luandino Vieira é constituído de um estreito diálogo entre a ficção e a história angolana. As questões ideológicas presentes em suas narrativas são parte de um processo de criação que se apresenta como um projeto político-literário, que consistia, sobretudo, no ideal de libertação, muito difundido à época por vários escritores africanos através da Literatura. Esses eram autores que já tinham conhecimento dos movimentos culturais revolucionários, além de articularem-se em favor da valorização dos povos africanos do continente e da diáspora, o que implicava, de um modo geral, a consciência do negro, a denúncia do sistema colonizador e das injustiças sociais. Luandino, mesmo no cárcere, jamais abandonou esse ideal, lutando pela libertação e pela construção de uma nova sociedade através de sua escrita. Em um livro intitulado *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*, o autor relata, conforme RIBEIRO & VECCHI, que:

O projeto político que a escrita da prisão aprofunda é ser Angola, Angola independente e livre, plena de outras vozes, manifestas nas cartas, nos contatos, nas solidariedades, nos gritos da tortura que conectam a voz e o corpo e geram a solidariedade de uma comunidade paradoxal, mas politicamente ativa, de corpos torturados e encarcerados. RIBEIRO & VECCHI *In*: VIEIRA, 2015, p. 20).

Em livro de contos, *A Cidade e a Infância*, publicado em 1957, quando Angola era ainda colônia portuguesa, Luandino Vieira já havia iniciado tal projeto. Nessa obra, o autor pretende desvelar Angola, sobretudo, a cidade de Luanda, os bairros periféricos e os seus habitantes. De um modo geral, suas personagens retratam os seres humanos situados fora da ordem, que vivenciam a margem, ou revelam as pessoas comuns, trabalhadores que sobrevivem na e da periferia de Luanda. Logo, a cidade se torna uma referência à Luanda, como um espaço privilegiado na literatura de Luandino Vieira, o qual remete à infância, cuja experiência histórica foi cunhada pelo domínio colonial

português e pela segregação de espaços, a exemplo do conto “A fronteira de asfalto”, em que a personagem “virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra das mulembas.” (VIEIRA, 2007, p. 40). Esse conto narra a amizade de duas crianças, tempo em que elas ainda não tinham a consciência da presença de espaços discriminatórios em Luanda, mas interagem com encontros afetuosos e na construção de amizades que abrigavam as diferenças na infância.

Portanto, como já mencionado, a cidade é o espaço por excelência em narrativas de Luandino Vieira por ser um símbolo da modernidade e também o espaço da vida pública, da escola, das relações pessoais, assim como de conflitos e confrontos existentes por força do processo de colonização. No conto, “Encontro de acaso”, uma personagem se lamenta das mudanças ocorridas na cidade de Luanda porque trouxeram com elas a opressão, as diferenças sociais e o preconceito:

Um encontro de acaso!

Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o copo na água suja e ter a alma limpa como nos tempos em que ele, eu, o Mimi, o Fernando Silva, o João Maluco, o Margaret e tantos outros éramos os reis da Grande Floresta.

Mas tudo se modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda.

[...] Fomos crescendo.

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. Não éramos mais os cavalheiros da Grande Floresta. (VIEIRA, 2007, p. 12).

A recordação dos tempos da infância dessas personagens sugere um exercício de contextualização da fragmentação identitária dos habitantes de Luanda, conseqüentemente, esse rememorar clama pelo despertar para uma consciência nacional. No conto “O despertar”, a liberdade da infância nos musseques contrasta com as diferenças de “agora” como diz a personagem: “De pequeno, sonhos de brinquedo a brincarem no coração, pasta a tiracolo, a escola. Depois o Liceu. Momentos de alegria. Mas com o Tempo veio o conhecimento dos factos e dos homens.” (VIEIRA, 2007, p. 20). Já no conto “O nascer do sol”, vislumbra-se a esperança de que esse passado, feliz,

possa ser ainda revivido, sobretudo, com a recuperação de traços da tradição oral, como as rimas relativas a brincadeiras de criança:

Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas.  
Pelo caminho da areia, por detrás da fábrica do gelo, passando pelo sapateiro da esquina  
*Sapateiro remendeiro*  
*Come as tripas do carneiro...*  
[...]  
Depois nos recreios havia desafios de futebol e jogo do eixo  
*Três*  
*Maria Inês*  
*Um pulinho prò chinês*  
*Outro prò landês!* (VIEIRA, 2007, p. 29-30).

Esse registro próprio da linguagem popular, evidenciado pelas canções infantis, afirma o cuidado de Luandino Vieira em colher elementos da tradição oral para narrar as suas estórias. O narrador dá voz ao povo angolano, que sofre ao presenciar uma mudança brutal em sua cidade. No conto que nomeia o livro, “A Cidade e a Infância”, destacam-se as transformações ocorridas em Luanda, as diferenças étnicas ou raciais e, nas brincadeiras infantis, a alegria e a liberdade de ser angolano permeiam o desejo de construção de uma identidade plural:

\_ Zito, Zito, o zizica, o zizica!  
Cá fora ouvia-se o ruído dum automóvel, um Chevrolet antigo, descapotável, que ao passar fazia  
*Zizizizizizi* (VIEIRA, 2007, p. 48).  
[...] Aquele velho carro a que eles chamavam o zizica.  
A rua era de areia vermelha. Poucas casas novas. Apenas o edifício do Lima, loja e padaria. Depois de uma casa de pau-a-pique com telhado de zinco onde morava a Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem com pedradas e asneiras, quando eles lhe saíam à frente puxando pelas saias e gritando  
*Talamanca talamancaéééééé*  
E às vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-nos à pedrada, e depois fugiam para a casa gritando  
*Velo congo uáricoôôôongoo*

Morava também o senhor Albano, velho marinheiro de barcos de cabotagem com a família e a branca Albertina que dava farra todas as noites. (VIEIRA, 2007, p. 48).

Concluimos, portanto, que o processo de criação do autor privilegia a oralidade como forma de enaltecer a cultura africana e de cunhar uma escrita de resistência ao cânone europeu. A escrita e a trajetória de vida de Luandino Vieira são marcadas por seu posicionamento político, ideológico e utópico. O autor quer a revolução, participa dela, e, embora tenha sido encarcerado ainda no início da luta armada, ele não deixou de olhar o passado de forma crítica, e buscou ouvir a voz do oprimido através das ruínas da história, como afirma Walter Benjamin, pois “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida, (BENJAMIN, 1994, p. 228).

No projeto literário de Luandino Vieira, posicionamentos políticos e conflitos sociais se apresentam como forma de denúncia e, ao mesmo tempo, de resistência ao colonialismo ou às consequências dele decorrentes, que resultaram em preconceitos e estigmas impostos ao sujeito angolano, assim como aos povos da África. Neste sentido, na ficção do autor, a revisão crítica da História vem desconstruir estereótipos criados pelo domínio português, além de abrir espaços para a configuração de uma consciência nacional, que pode ser constituída através de elementos como a valorização da memória, o respeito à ancestralidade, o resgate da tradição oral e a recuperação de mitos fundadores. Assim, toda essa reconfiguração do corpo e da pátria hão de confluir em movimentos de resistência aos valores instituídos pelos europeus, ao preconceito, ao racismo, indo sempre ao encontro da valorização da cultura africana, a exemplo do trabalho estético do autor com a linguagem, cujas inovações promovem a subversão do padrão culto da Língua Portuguesa, afinal, o código utilizado e adequado ao seu texto é composto da interpenetração de duas línguas, como o quimbundo e o português. Por isso, no processo criativo de Luandino Vieira, a luta constante pela liberdade de ser e de viver Angola é evidenciada através de narradores e personagens que emergem do povo, dos musseques de Luanda, os quais ganham voz para falar de si, do cotidiano, assim como das questões políticas e sociais de seu país.

## Referências

BÂ, Amadou Hampaté. “A tradição viva”. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. – 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MAZRUI, Ali A., “Introdução”. In: *História Geral da África, Volume VIII, Capítulo 1*, 2ª. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, Margarida Calafate & VECCHI, Roberto. Prefácio. In: VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

SIMÕES, Eduardo. Entrevista. Luandino quebra seu silêncio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 nov 2007. Disponível em:

< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1411200708.htm>>

Acesso em

01.07.2017.

VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. (Org.) Margarida Calafate Ribeiro; Mônica V. Silva e Roberto Vecchi. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

\_\_\_\_\_. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.